



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO (DEDC) CAMPUS XI/SERRINHA  
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

**REIZIANE DE JESUS PEREIRA**

**ESTEREÓTIPOS ACERCA DA IDENTIDADE NORDESTINA:  
experiências e relatos de migrantes de Biritinga/BA**

**SERRINHA/BA**

**2025**

**Reiziane de Jesus Pereira**

**ESTEREÓTIPOS ACERCA DA IDENTIDADE NORDESTINA:  
experiências e relatos de migrantes de Biritinga/BA**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Curso de Geografia da Universidade do Estado da Bahia - UNEB Campus – XI como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em Geografia.

Orientador: Renato Leone Miranda Léda

**SERRINHA/BA**

**2025**

## AGRADECIMENTOS

Ao chegar a este momento, meu coração transborda de gratidão, enquanto reflito sobre a trajetória que percorri até aqui e as incontáveis bênçãos que recebi ao longo dessa jornada. A conclusão deste trabalho não representa apenas uma realização pessoal, mas também uma conquista coletiva para todos que, de alguma maneira, contribuíram para minha jornada. Portanto, gostaria de dedicar estas palavras de gratidão para todos aqueles/as que sempre estiveram comigo, tanto nos momentos bons quanto nos mais desafiadores.

Primeiramente, sou imensamente grata a Deus, por iluminar cada passo desta jornada, transformando obstáculos em degraus e dúvidas em fé.

Aos meus pais, pelo amor, incentivo e apoio incondicional, e especialmente agradeço a minha mãe Maria Cristina, heroína que me deu apoio, incentivo nas horas difíceis, de desânimo e cansaço.

A minha irmã Daniele Pereira, pelo companheirismo, pela cumplicidade e pelo apoio em todos os momentos da minha vida.

Ao Departamento de Educação (DEDC) da UNEB - Campus XI e a todos os professores/as que me acompanharam ao longo do curso, especialmente ao meu orientador de TCC, Prof. Renato Léda pelo empenho dedicado à elaboração deste trabalho.

A todos os meus amigos do curso de graduação, particularmente Joyce Pinheiro e Jaiane Araujo, meus sinceros agradecimentos. Vocês desempenharam um papel significativo no meu crescimento, e devem ser recompensados com minha eterna gratidão. Obrigada por todos os conselhos úteis, bem como palavras motivacionais e apoio.

Por fim, minha mensagem de agradecimento a todos que cruzaram meu caminho durante esta fase, que me disseram “vai dar tudo certo” com um sorriso no rosto, cada um de vocês deixou uma marca indelével em minha jornada, contribuindo para o meu crescimento e sucesso.

*“Consagre ao Senhor tudo o que você faz, e os seus planos serão bem-sucedidos.”*

Provérbios 16:3

## RESUMO

O presente estudo tem o foco principal de compreender o processo da construção de estereótipos sobre o Nordeste brasileiro, destacando a problemática da discriminação de nordestinos que migraram para as regiões Sul e Sudeste do país e foram alvos de preconceitos ligados à sua identidade. Inicialmente, a fim de buscarmos subsídios para a interpretação da questão geral que envolve a formação de estereótipos sobre o Nordeste brasileiro, foi realizada uma revisão bibliográfica focada na investigação das questões que afetam a região. Para a coleta de dados, foi feito um levantamento de informações básicas relativas as experiências e relatos de migrantes com origem no município de Biritinga-BA e de alguns municípios vizinhos. O estudo foi de abordagem qualitativa e os dados foram coletados por meio de questionário e entrevistas semiestruturadas. Diante das análises, notamos que a manifestação desses estereótipos contra migrantes nordestinos gerou diversas consequências na vida desses indivíduos, incluindo questões como racismo, exclusão social, submissão trabalhista, baixa autoestima e desvalorização, tornando-se fatores cruciais para a marginalização dos nordestinos nas regiões Sul e Sudeste do Brasil. Acredita-se que os resultados dessa pesquisa possam contribuir para a elaboração de novas estratégias para combater preconceitos, discriminação e exclusão social contra os nordestinos, além de contribuir para a desconstrução dos estereótipos negativos ligados ao Nordeste, que têm sido historicamente propagados em relação à região.

**Palavras-chave:** Estereótipos; Identidade; Migrantes; Região Nordeste; Preconceitos

## ABSTRACT

The main focus of this study is to understand the process of constructing stereotypes about the Brazilian Northeast, highlighting the problem of discrimination against Northeasterners who migrated to the South and Southeast regions of the country and were targets of prejudice related to their identity. Initially, in order to seek subsidies for the interpretation of the general issue that involves the formation of stereotypes about the Brazilian Northeast, a bibliographic review was carried out focused on the investigation of the issues that affect the region. For data collection, a survey of basic information was made regarding the experiences and reports of migrants from the municipality of Biritinga-BA and some neighboring municipalities. The study had a qualitative approach and data were collected through a questionnaire and semi-structured interviews. In view of the analyses, we note that the manifestation of these stereotypes against northeastern migrants generated several consequences in the lives of these individuals, including issues such as racism, social exclusion, labor submission, low self-esteem and devaluation, becoming crucial factors for the marginalization of northeastern people in the South and Southeast regions of Brazil. It is believed that the results of this research can contribute to the elaboration of new strategies to combat prejudice, discrimination and social exclusion against the Northeasterners, in addition to contributing to the deconstruction of the negative stereotypes linked to the Northeast, which have been historically propagated in relation to the region.

**Keywords:** Stereotypes; Identity; Migrants; Northeast Region; Prejudices

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>7</b>
1.1 Contextualização do problema de pesquisa .....	7
1.2 A “questão regional” brasileira e discussão do “lugar” do Nordeste na divisão territorial do trabalho no país .....	9
1.3 Objetivo geral .....	13
1.4 Objetivos específicos .....	13
1.5 Justificativa .....	13
<b>2 VISÃO TEÓRICA E HISTÓRICA SOBRE O TEMA .....</b>	<b>14</b>
2.1 O conceito de região no contexto contemporâneo .....	14
2.2 Regionalismo e identidade nordestina .....	18
2.3 Preconceito de origem geográfica .....	21
<b>3 METODOLOGIA DA PESQUISA .....</b>	<b>24</b>
3.1 Definição da população e amostra .....	24
3.2 O método .....	24
3.3 Etapas da pesquisa .....	24
3.3.1 Divulgação e aplicação da pesquisa .....	25
<b>4 RESULTADOS E DISCUSSÃO .....</b>	<b>25</b>
4.1 Caracterizando o universo da pesquisa e os sujeitos .....	26
4.2 Análise e discussão dos resultados obtidos através do questionário .....	26
4.3 Discussão e análise das experiências relatadas pelos migrantes nordestinos entrevistados .....	33
4.3.1 Exemplos de preconceitos enfrentados pelos migrantes entrevistados .....	33
4.3.2 Como os estereótipos afetaram a vida dos indivíduos estudados? .....	37
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>40</b>
<b>6 REFERÊNCIAS .....</b>	<b>43</b>
<b>7 APÊNDICES E ANEXOS .....</b>	<b>45</b>
7.1 Apêndice – 01: Roteiro da Entrevista .....	45
7.2 Apêndice – 02: Formulário referente ao Questionário .....	46
7.3 Anexo - 01: Tabela 631 – População residente, por sexo e lugar de nascimento .....	48
7.4 Anexo - 02: Termo de Consentimento Livre Esclarecido .....	52

# 1 INTRODUÇÃO

## 1.1 Contextualização do problema de pesquisa

Sabemos que o estudo dos fenômenos socioespaciais é uma tarefa fundamental do/a geógrafo/a. Desse modo, por meio dos conhecimentos científicos apropriados ao longo da formação profissional, surgem inquietações relacionadas aos conflitos emergentes em torno da identidade nordestina.

Diante de uma análise mais aprofundada, percebemos que desde os primeiros estudos, a identidade é percebida como produto da socialização. As significações mais relevantes deste conceito surgem a partir do processo da modernização da sociedade, pois de acordo com algumas concepções, as mudanças socioespaciais efetivaram o comportamento dos grupos sociais ao estarem inseridos num novo modelo de sociedade.

Baseada nessa compreensão, a autora Zanatta (2011) afirma que na modernidade, o processo de alteração do *eu* se dá pelo processo reflexivo, procurando conectar mudanças pessoais e sociais, para servir de subsídio na construção da identidade, assim as questões identitárias serão resultadas do processo de autoconhecimento. De acordo com as abordagens apresentada no texto, identificamos as características mais marcantes sobre as representações que o indivíduo tem de si mesmo, e a forma como o indivíduo toma consciência de suas ações na sociedade, embora de maneira parcial e precária. Muitas vezes, os indivíduos se submetem à influência das forças dominantes na sociedade e se reconhecem e agem conforme tal influência, trata-se de jogos de poder que são manifestados por trocas simbólicas nas quais dominantes e dominados/as, de certa maneira, são cúmplices, embora exercendo papéis diferentes nesse processo.

A interpretação do conceito de identidade como produto dos processos de socialização também teve contribuições de análises por Durkheim (1995). O autor enfatiza que não foi só com o surgimento das sociedades modernas que o indivíduo se tornou um elemento a ser considerado, mas foi, principalmente, pela diferenciação proporcionada pela divisão do trabalho. Neste sentido, a ação reflexiva do ser humano intenciona a produção das atividades cotidianas, havendo assim a interação dos sujeitos com o meio, onde produzem e reproduzem significações de caráter simbólico e material.

Nesta perspectiva, surge uma fragmentação do espaço que simboliza os conflitos existentes entre grupos de diferentes territórios, que se dá por meio das relações de posse e propriedade. Sendo assim, a sociedade se constitui a si mesma nesse processo de relações do ser humano com a natureza, processo do qual fazem parte as disputas de poder sobre o espaço, em que se estabelecem limites e fronteiras entre áreas de domínios próprios e de outros, base sobre a qual também se opera a distinção e as relações de alteridade nós x outros.

A identidade territorial se forma a partir das “diferenças” entre grupos, próximos e distantes, principalmente sob a lógica de disputa e competições pelo território, agindo com a sensação de pertencimento sobre determinado local de origem.

Nesse sentido, no que consiste a identidade de uma região do país, mais especificamente do Nordeste, sobretudo perante os preconceitos enfrentados pelos migrantes nordestinos no Sudeste e Sul, visto que é o assunto central desta discussão? O autor Albuquerque Júnior (2017) fala sobre a forma como o preconceito de origem geográfica se perfaz. Para o autor, o preconceito quanto à origem geográfica é justamente aquele que marca alguém pelo simples fato deste pertencer ou advir de um território, de um espaço, de um lugar, de uma vila, de uma cidade, de uma província, de um estado, de uma região, de uma nação, de um país, de um continente, considerado por outro ou outra, quase sempre numa posição socioeconômica mais favorável, como sendo inferior, rústico/a, bárbaro, selvagem, atrasado, subdesenvolvido, menor, menos civilizado, inóspito, habitado por um povo cruel, feio, ignorante, racialmente ou culturalmente inferior.

Desse modo, percebemos que estes preconceitos quase sempre estão ligados e representam desníveis e disputas de poder e nascem de diferenças e competições em diferentes campos dos costumes e das ideias, como no campo econômico, político, cultural, e até mesmo no campo religioso.

De acordo com as abordagens do autor Albuquerque Júnior (2017), o território constituído historicamente que hoje consideramos como região Nordeste do Brasil é marcado por discriminações que recaem sobre seus/as habitantes por causa de sua origem geográfica, e para melhor entendermos todas essas questões, é importante considerarmos acima de tudo a origem desses fatos. Os estereótipos preconcebidos sobre o NE não são um problema recente, estão presentes, sobretudo, no contexto de formação territorial do país. É importante ressaltar que toda essa problemática não foi algo que surgiu através de influências externas, o discurso depreciativo com

concepções distorcidas sobre o Nordeste foi produzido pelas próprias elites nordestinas, e posteriormente propagado para outras áreas.

## **1.2 A “questão regional” brasileira e discussão do “lugar” do Nordeste na divisão territorial do trabalho no país.**

A ideia de Nordeste como costuma ser apresentada em algumas obras literárias traz uma visão estereotipada a respeito da história da região e de seus habitantes. Para entendermos por que a identidade nordestina e a própria região quase sempre tem sido alvo de comentários negativos, precisamos compreender os processos sociais que envolvem a história do país no século XX. Foi em meio a esse contexto, na década de 1910, que teve início a produção de discursos e narrativas para designar uma região específica com características particulares, e que surge então a (ideia de) região Nordeste envolvida a vários conflitos e tensões inter-regionais que impactaram no funcionamento da economia e política brasileira, sobretudo, por meio do papel desempenhado por diversos grupos sociais do Nordeste. Antes dessa divisão, o território brasileiro era regionalmente dividido apenas entre Norte e Sul. O Norte abrangia todo o atual Nordeste e a atual Amazônia, enquanto o Sul abarcava toda a área do Brasil que ficava ao sul do estado da Bahia. O Norte possuía grande destaque no processo das exportações de bens primários, tais como o açúcar e o algodão, responsáveis pelo crescimento econômico da região, além do látex de seringueira para a produção da borracha, sobretudo, no Acre.

Com o surgimento da Revolução Industrial no século XVIII, a implementação de novas tecnologias e técnicas de produção fizeram com que alguns países passassem por grandes transformações econômicas. A divisão territorial do trabalho originada no século XX, no Brasil, passou a se apresentar sob controle hegemônico da produção capitalista, ou seja, a implementação das técnicas industriais de produção buscou atender as estratégias de acumulação do capital.

Sendo assim, a expansão da demanda internacional impulsionou a expansão da cafeicultura no atual Sudeste, que, desse modo passou a ser o espaço que possuía atrativos para o investimento e de desenvolvimento econômico. Frente a essa realidade, o regionalismo nordestino surgiu por meio de vários conflitos, tendo sido originado pelo descontentamento das próprias elites da produção açucareira, que, ao verem sua economia regional sofrer um grande colapso, deflagraram manifestações

e atitudes vitimizadoras a fim de serem privilegiadas com auxílios e benefícios por parte do governo federal.

A grande seca ou estiagem no Nordeste brasileiro de 1877-1879, foi o fenômeno que mais causou repercussões negativas na história do Brasil, e tornou-se a principal característica da região conhecida como “Polígono das Secas”. A área que abrange o sertão nordestino e do agreste, ambos do clima semiárido, na qual registra-se temperaturas elevadas e baixo índice pluviométrico durante o ano, pela primeira vez na história do Brasil, passa a ser identificada e observada em função das condições climáticas. Muitas visões deterministas e retrógradas sobre a seca como causa da pobreza do NE e outras representações discursivas similares e derivadas, foram elaboradas e reproduzidas por artistas, políticos e elites do Nordeste por décadas, num processo gerado de dentro para fora, como causas da miséria, fome, pobreza, perda de plantações e animais, dentre outros fatores, para atenuar a situação das pessoas que viviam nessa região. As elites locais e setores do poder político passaram a usar a seca como justificativa para obter recursos públicos (dinheiro, obras, incentivos, frentes de trabalhos etc.). De acordo com Furtado (*apud* BACELAR DE ARAUJO, 2000) o problema do Nordeste não é a seca, é a reconfiguração do desenvolvimento brasileiro e como a região está inserida nela. Furtado dizia que a causa do atraso do Nordeste está na sua formação histórica. Ou se mexe nas estruturas, ou não se enfrenta a questão nordestina.

No século XIX as regiões já eram diferenciadas, contudo, essas desigualdades não eram visíveis. Foi então, no século XX, que a questão regional aparece de forma mais nítida, inclusive como desdobramento do crescimento industrial concentrado em São Paulo, pois, é nesse período em que o país sofreu intensas mudanças, e com isso, surgiu uma nova dinâmica econômica brasileira. Desse modo, os discursos e as atitudes que conhecemos atualmente ao representar o regionalismo do Nordeste tem total influência do processo da divisão territorial do trabalho, que neste sentido, se apresenta sob controle hegemônico da produção capitalista com setores de produção mais avançados, visando desenvolvimento em áreas estratégicas.

A constituição do NE se caracterizou a partir da formulação de diversos discursos depreciativos que compreendiam a região como um local do atraso e da pobreza.

Como diz Albuquerque Júnior (2009, p. 30), o discurso de estereotipia é um discurso assertivo, repetitivo, é uma fala arrogante, uma linguagem que leva a estabilidade acrítica, é fruto de uma voz segura e autossuficiente que se arroga o direito de dizer o que é o outro em poucas palavras. O estereótipo nasce numa caracterização grosseira e indiscriminada do grupo estranho, em que as multiplicidades e as diferenças individuais são apagadas, em nome das semelhanças superficiais do grupo.

A partir dessa perspectiva, compreendemos que os discursos preconceituosos, impressões e “rótulos”, criados de maneira generalizada e sem fundamentos, atribuídos aos/as nordestinos/as ou a própria região, difundidos por outros grupos sociais, se projetam atualmente como representações mentais, no qual o autor Albuquerque Júnior busca enfatizar o que seria o conceito de estereótipo, e a forma como é gerado e propagado nas sociedades.

Por outro lado, ao contribuir com a perspectiva da análise cultural, Claval (1999, p. 63) vê a cultura de um povo como

[...] a soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados pelos indivíduos durante suas vidas e, em uma outra escala, pelo conjunto dos grupos de que fazem parte. A cultura é herança transmitida de uma geração a outra. Ela tem suas raízes num passado longínquo, que mergulha no território onde seus mortos são enterrados e onde seus deuses se manifestam. Não é, portanto, um conjunto fechado e imutável de técnicas e de comportamentos. Os contatos entre povos de diferentes culturas são algumas vezes conflitantes, mas constituem uma fonte de enriquecimento mútuo. A cultura transforma-se, também, sob o efeito das iniciativas ou das inovações que florescem no seu seio.

Para o autor, a diversidade e a complexidade de expressões revelam que a cultura se cria, também, através do contato dos indivíduos de diferentes grupos, sendo constituída pelas formas de expressão a partir dos modos de vivências. Neste sentido, percebemos como as expressões culturais que envolvem as vivências dos/as nordestinos/as são fundamentais para a superação das práticas preconceituosas, seja por meio da música, da arte, do esporte, ou da educação. Portanto, são os saberes e os modos de fazer nesta região, que fortalecem a valorização da cultura nordestina, que dão significados a região, e junto a isso, enaltece a representatividade dos/as nordestinos/as que são alvos de preconceito por parte de outros grupos identitários.

Assim, o presente estudo tem o foco principal de abordar sobre os/as migrantes nordestinos/as e a representação estereotipada sobre a identidade

nordestina. O objetivo central dessa pesquisa, é de compreender o processo de produção social de preconceitos de origem geográfica diante da posição subalterna dos imigrantes nordestinos que quase sempre enfrentam problemas como mão de obra de baixa qualificação e de baixo custo em outras regiões, condição cuja gênese está essencialmente relacionada às mudanças na divisão territorial do trabalho no Brasil, sobretudo e no decorrer e após a industrialização concentrada no SE.

Os fatos e os fenômenos socioespaciais que serão investigados nesta pesquisa exigem discussão prévia sobre sua origem. Apresentaremos assim uma abordagem histórica da transição entre o Nordeste passado/presente, por considerar fundamental para a compreensão dos estereótipos externalizados sobre a região do Nordeste brasileiro, e o motivo dessa realidade enfrentada pelos/as migrantes nordestinos/as. A par dessa contextualização, a pesquisa se propõe a realizar um recorte espacial e um “afunilamento” empírico da análise, buscando conhecer mais de perto as experiências de sujeitos nordestinos/as, baianos/as, que vivenciam ou vivenciaram tal problemática. Desse modo, os sujeitos selecionados para amostra de estudo são os/as migrantes do município de Biritinga/BA que possuem experiências vividas na região Sudeste/Sul do país, associadas à discriminação acerca de sua identidade.

A intenção da escolha do município de Biritinga como lócus dessa pesquisa, corresponde a questões de pertencimento por ser a cidade que desde sempre habitei. Por este motivo, considero a importância trazer a realidade vivida por pessoas que são próximas a mim, além de tornar mais viável para o processo de coleta de dados.

O município de Biritinga localiza-se na região Nordeste do Estado da Bahia, a 205 km da Capital – Salvador, sendo pertencente ao Território de Identidade do Sisal. Sua população corresponde ao total de 15.146 habitantes, sendo que destes, 12.279 localizam-se em espaços rurais do município (IBGE: 2022). A economia do município é fortemente demarcada pela agricultura, com destaque para a agricultura familiar de subsistência, com propriedades agrícolas dedicadas ao plantio de milho, mandioca e feijão. Também conta com outros benefícios assistenciais mantidos pelo Governo Federal, como: o Programa Federal Bolsa Família, aposentadorias, bem como o Garantia Safra, além de cargos administrativos de caráter público municipal. É importante ressaltar, que cerca de 80% das famílias sobrevivem de salário-mínimo em trabalhos formais, onde se apresenta alto índice de vulnerabilidade social. O município apresenta um Produto Interno Bruto – PIB per capita de R\$ 8.753,23 segundo o

Programa Nacional de Desenvolvimento Humano Municipal – o IDH-M é de 0,538, grande parte da população ainda se encontra em situação de pobreza e exclusão social, estando abaixo da linha de pobreza e sobrevivência com menos de um salário-mínimo.

### **1.3 Objetivo geral**

- Compreender o processo da construção de estereótipos sobre o Nordeste brasileiro, destacando a problemática da discriminação de nordestinos/as que migraram para as regiões Sul e Sudeste do país e foram alvos de preconceitos ligados à sua identidade.

### **1.4 Objetivos específicos**

- Avaliar criticamente o processo histórico de construção dos estereótipos acerca da identidade nordestina.
- Analisar experiências vivenciadas pelos/as migrantes nordestinos/as residentes do município de Biritinga-BA vivenciadas no Sudeste/Sul do país.
- Apresentar novas possibilidades para a compreensão da região Nordeste ajudando no rompimento de concepções distorcidas e depreciativas dessa região.

### **1.4 Justificativa**

A presente pesquisa, apresenta um estudo dos processos de construção de estereótipos sobre o Nordeste brasileiro, e propõe uma investigação acerca da problemática da discriminação de nordestinos/as que migraram para as regiões Sul e Sudeste do país, principalmente pela busca de emprego, e foram alvos de preconceitos ligados à sua identidade. Essas situações afetaram e ainda continuam afetando a vida de milhares de pessoas, frente a isso, faz-se necessário uma reflexão crítica sobre essas questões.

Especialistas afirmam que a xenofobia contra nordestinos/as revela forte racismo no Brasil. Recentemente tivemos o caso de trabalhadores baianos resgatados em situação análoga à escravidão, enquanto atuavam em empresas terceirizadas de vinícolas no Rio Grande do Sul. Após repercussão do caso, um vereador de Caxias do Sul veio a público em 28 de fevereiro de 2023, expor uma fala xenofóbica e racista,

contra os baianos encontrados em caso de trabalho escravo. O discurso do vereador Sandro Luiz Fantinel foi veementemente repudiado, e apontado pela Defensoria Pública da Bahia (DPE-BA) como traição à Constituição, pois o seu dever é de zelar pela construção de uma sociedade livre, justa e solidária.

Mediante a essas situações, esperamos que este estudo inspire novas abordagens e busca de estratégias de combate a preconceitos, discriminação e exclusão social contra os nordestinos, bem como enfatizar a necessidade de construção de ações políticas voltadas a inclusão e valorização da diversidade cultural dos/as migrantes nordestinos que buscam nas regiões Sul e Sudeste do Brasil, alternativas de melhores condições de vida e oportunidades de trabalho, além de contribuir para a desconstrução da imagem estereotipada do Nordeste, que historicamente foram produzidas sobre a região.

## **2 VISÃO TEÓRICA E HISTÓRICA SOBRE O TEMA**

Diante de uma abordagem mais aprofundada sobre a região Nordeste, pretendemos neste capítulo, dialogar com autores/as que são referência nessa discussão. Inicialmente, apresentaremos uma abordagem acerca do processo de construção regional, e em seguida faremos uma discussão sobre o conceito de identidade a partir da concepção sociológica na modernidade, porém considerando a perspectiva da ciência geográfica. Na sequência, trataremos de questões mais específicas da pesquisa que destaca os conflitos socioespaciais relacionados ao regionalismo e identidade regional do Nordeste. Nesta discussão, buscaremos compreender a ideia de alguns/as autores/as que discutem o processo de construção dos preconceitos de origem geográfica, e apresentaremos novas possibilidades que possam ajudar a romper com discursos de cunho discriminatórios e retrógrados quando se trata da região Nordeste e da identidade da sua população.

### **2.1 O conceito de região no contexto contemporâneo**

Ao tratar o conceito de região, entendemos, de início, que as regiões se configuram por meio da diferenciação e subdivisões dos espaços geográficos, sendo estes constituídos através das relações sociais. As diferenciações que permeiam sobre os territórios dão características particulares a esses espaços, sejam elas sociais, físicas, econômicas, culturais, entre outras. Embora os espaços geográficos

sejam diferenciados, as forças dominantes que exercem poder sobre esses espaços intencionalmente a totalidade do processo de produção. Para Castro (1992), como o espaço é produzido pela sociedade, a região é o espaço da sociedade local, em interação com a sociedade global, porém configurando-se de forma diferenciada. A região é justamente a expressão das diferenciações do processo de produção do espaço; as diferenças se combinam, mas permanecem como diferenças. Na visão de Iná de Castro (1995), se por um lado temos um espaço unificado, onde se processam as relações de produção, por outro, temos um espaço heterogêneo, fortemente demarcado pela diversidade. Pode-se dizer, então que a região seria o resultado da construção histórica, produto contraditório do pensamento e da ação dos agentes hegemônicos e contra-hegemônicos. Assim, cada sociedade produz o seu espaço e as representações espaciais com base em suas práticas, que contribuem para a estruturação territorial. A ideia de região é, portanto, uma forma de pensar o espaço geográfico a partir das características que são visivelmente percebidas nas sociedades, frutos das relações estabelecidas nos espaços.

Portanto, a noção de um mundo moderno e globalizado, ao mesmo tempo que favorece na construção de espaços homogêneos, também contribui no surgimento de espaços desiguais e cada vez mais descontínuos. Partindo dessa lógica, as mudanças de percepções quanto ao conceito e dinâmica de região, ocorrem devido aos processos de produção dos territórios. O principal fator que favoreceu para essas mudanças, foi o fenômeno da “Globalização”, responsável por alterar toda a dinâmica das sociedades. De acordo com Santos (2001), a globalização representa uma ruptura no processo de evolução social e moral que vinha sendo construído ao longo dos séculos anteriores. É curioso notar que, historicamente, o avanço técnico era visto como condição essencial para tornar possível uma globalização que promovesse a plena humanização da vida no planeta. No entanto, quando esse progresso atinge um patamar elevado, a globalização de fato se concretiza, mas não em benefício da humanidade. O mundo, agora unificado e aparentemente acessível a todos, revela-se confuso e de difícil compreensão. À medida que as particularidades locais se intensificam, também se evidenciam as desigualdades, mostrando-nos um cenário global marcado pela diversidade histórica.

O autor Rogério Haesbaert (2010) retrata no livro *Regional Global: dilemas da região e da regionalização na Geografia Contemporânea*, novas formas de se pensar

a regionalização. Para discutir essa abordagem, Haesbaert (2010) dialoga com outros autores que são referências nessa linha de pensamento como: Vidal de La Blache, Sauer, Hartshorne, Humboldt e Ritter.

Para Rogério Haesbaert (2010), a região é muito mais do que a concepção dualista de regionalização, que é uma concepção própria da geografia neopositivista, apenas como uma classificação de áreas ou um mero instrumento de análise do pesquisador. Mas, quais seriam os desafios da regionalização num mundo dominado pelas relações do tipo regional-global? Ao pensar a região no contexto contemporâneo, é importante considerarmos que ao mesmo tempo em que ocorrem os processos de globalização, também ocorrem os processos de fragmentação. Dessa maneira, a região está sendo formada, enquanto produto (e concomitantemente sendo produtora) dos processos de globalização e fragmentação. Sendo assim, a região é fruto da diferenciação espacial, em diversas escalas, mas ela também contribui, por sua própria condição de espaço diferenciado e articulado, para produzir outras diferenciações espaciais.

Segundo Haesbaert (2010), através do rico e múltiplo legado de Vidal de La Blache, é possível evidenciar que a região, enquanto conceito, já nasce fundada a idas e vindas, desconstruções e reformulações. Recorrendo agora à história do pensamento geográfico, numa abordagem ampla, o autor afirma que a região “morre” e “ressuscita” ao longo das diferentes abordagens formuladas pelos/as geógrafos/as.

Na visão de Haesbaert, por outro lado, as regiões são dinâmicas e estão sempre passando por processos de construção e reconstrução a depender do contexto histórico atuante em diferentes períodos. O fato de as regiões estarem “morrendo” com a crescente homogeneização dos espaços, articulada com os processos globalizadores, que visavam um novo modelo socioeconômico, fez com que as sociedades se tornassem integradas e mais interdependentes, ainda assim, não foi possível romper com as diferenças como um imperativo da realidade, em sua dimensão espacial.

Para facilitar a compreensão sobre a evolução do conceito de região, Haesbaert elabora três concepções para melhor explicitá-lo e a forma como era concebido em diferentes períodos históricos, ou seja, a região como *fato*, *artifício* e *artefato*. Para o autor:

{...} falar em região é também, concomitantemente, envolver-se com os diversos processos e/ou métodos de regionalização – seja priorizando o campo epistemológico, como um procedimento operacional ou instrumento de análise proposto pelo pesquisador, seja numa perspectiva mais realista, como um “fato” ou, de forma mais nuançada, como um processo efetivamente vivido e produzido pelos grupos/sujeitos sociais (Haesbaert, 2010, p. 91).

Dessa maneira, Haesbaert (2010) considera que as diversas possibilidades de conceber região, podem ocorrer desde uma visão racionalista (região como “artifício”), até uma compreensão radicalmente realista (região como “fato”). Ele entende que os princípios racionalistas e realistas são essenciais no processo de compreensão da região.

Para Haesbaert (2010), a região como fato se dá por meio de uma perspectiva realista, construída pelos sujeitos sociais, ele traz como exemplo a questão da incorporação dos sujeitos na divisão inter-regional do trabalho, ou seja, é considerada uma realidade constituída de fatos objetivos. Nesse sentido, a regionalização seria um processo real que se desenrola na superfície da Terra. Já a região como artifício, é como se a região fosse um recurso utilizado para conseguir um dado efeito, ou alcançar determinado objetivo; nessa segunda perspectiva a região é então um instrumento de análise do pesquisador, e a regionalização, portanto, ocorre como um recurso de método, um procedimento para facilitar a análise de um ou mais elementos, protagonizando a construção intelectual do pesquisador com objetivos próprios.

Na visão do autor, a região como artefato é, enfim, como se fosse um instrumento de ação e intervenção para planejamento e execução de políticas de desenvolvimento e redução das desigualdades, ou melhor, é uma junção entre os dilemas da região como fato e artifício, que visa pensar a região a partir de ações e práticas políticas e técnicas, possuindo caráter normativo/político.

Considerando a perspectiva de Haesbaert (2010), ao referir-se a ideia de região enquanto “artefato”, a noção de região Nordeste, por exemplo, pode ser compreendida como um produto da construção social, resultado da interação entre diferentes atores e processos históricos, essas relações acabam impactando no desenvolvimento e até na própria identidade regional do Nordeste. A abordagem da região como artefato, portanto, leva a compreensão de que o Nordeste não é apenas uma realidade natural inalterável, mas, um espaço em constante construção, modificado pelas relações sociais e políticas. Assim, podemos dizer que a região

Nordeste é fruto de uma construção humana, onde as formas de apropriação e uso do território se dão por meio das relações de poder e interesses internos e externos, ou seja, um artefato, considerando que ela é moldada por processos históricos, sociais e políticos.

## **2.2 Regionalismo e identidade nordestina**

Ao percorremos alguns marcos históricos e conceituais que norteiam a análise dos estereótipos relacionados a Região Nordeste, percebemos como os processos que envolvem o regionalismo nordestino estão atrelados a esse assunto. Diante dessa reflexão, não podemos deixar de destacar as três principais concepções sobre a região Nordeste, segundo a comparação feita por J. W. Vesentini (2012), em que aborda o conceito de região em “três registros”, a partir das seguintes obras: “*A Terra e o Homem no Nordeste*” (1963), de Manuel Correia de Andrade, na vertente da Geografia Clássica; “*Elegia para uma Re(li)gião*” de Francisco de Oliveira, na corrente marxista; e “*A invenção do Nordeste e outras artes*” de Durval Muniz Albuquerque Jr. (2021), numa abordagem dos estudos culturais pós-modernistas.

De acordo com discussões elaboradas J. W. Vesentini (2012), a primeira abordagem, corresponde a noção mais tradicional sobre a região Nordeste do Brasil como algo “dado” ou relativamente natural, fruto de uma determinada ocupação humana sobre uma parcela do nosso espaço geográfico. Uma forma de ocupação que, evidentemente, interagiu com o meio ambiente e, num certo sentido, se adaptou ou se moldou frente a ele. O espírito desta concepção é o binômio “a Terra e o Homem”, a natureza original e a sociedade que a ocupou e que, mesmo a modificando neste ou naquele aspecto, muito deve aos condicionantes da primeira natureza na sua formação espacial. A segunda concepção se baseia no modo de ver o Nordeste brasileiro a partir da divisão inter-regional do trabalho. Também é um ponto de vista materialista ou realista, como o anterior, mas com a diferença que parte do todo – o espaço brasileiro – e não da região em si, de suas (pretensas) características inerentes, como naquela primeira concepção. A industrialização do país teria promovido uma (nova) divisão territorial do trabalho, na verdade a construção de um espaço geográfico nacional integrado, e nesse processo a região Nordeste teria ficado com o papel de uma zona periférica destinada a fornecer matérias primas e mão-de-obra barata para o Sudeste ou, segundo alguns, para o Centro-sul do país. Na última,

e terceira abordagem sobre o NE, o autor afirma que essa (suposta) região na realidade é uma invenção ou construção. Uma invenção produzida por determinados grupos sociais – internos (a elite da própria região, ou pelo menos boa parte dela) e também externos (de São Paulo ou do Rio de Janeiro, capital federal até 1960) – num processo político no qual a criação de uma “região problema”, que deve ser alvo de assistencialismo e de transferência de verbas, foi uma atitude adaptada ao controle social e a um determinado acomodamento entre as diversas partes (com as suas classes dirigentes e dominantes) do espaço nacional. De acordo com Vesentini (2012), o conceito de região foi construído em função, basicamente, dos interesses materiais e ideológicos de determinados grupos dominantes, que acabaram por impor certa visão da região. Nesta concepção, o “Nordeste” não tem existência concreta, ele é uma ideia inventada, que serviu para rotular discursos literários e políticos, assim como também para a música e as artes plásticas.

No livro *O mito da necessidade: discurso e prática do regionalismo nordestino*, Iná Elias de Castro (1992) apresenta o regionalismo como um fenômeno essencialmente político. A autora explica que:

O regionalismo, portanto, é um conceito eminentemente político, vinculado, porém, aos interesses territoriais. Desse modo, as interpretações e análises do regionalismo referenciam-se, conceitualmente, tanto ao tema da participação política, como ao da organização espacial. Em termos objetivos, o regionalismo constitui a expressão das relações políticas entre as regiões ou destas com o poder central, sempre que nessas relações haja opressão política, econômica ou cultural (Castro, 19992, p. 40).

Ou seja, para Iná de Castro, o regionalismo não é apenas um sentimento de identidade ou expressão cultural, mas sobretudo uma estratégia política de poder, marcada por disputas, relações de dominação e negociações entre regiões e o Estado.

Se referindo especificamente ao regionalismo nordestino, a autora apresenta que:

O regionalismo no Nordeste é significativo da especificidade do caráter político das interações regionais do país, e sua existência advém tanto dos fatores históricos locais como das suas relações com o poder centralizado do Estado. De um ponto de vista sistêmico, esta política regionalista é um subsistema do sistema político nacional, o que

pressupõe tanto a independência das suas articulações locais com a dependência diante de articulações extralocais (Castro, 1992, p. 41).

Com base nessa discussão apresentada pela autora Iná de Caso (1992), entende-se que a identidade nordestina foi historicamente moldada pelos interesses das elites regionais, através de uma construção discursiva que reforçou a imagem de atraso e exclusão. Esse imaginário regionalista, consolidado por meio de discursos políticos e culturais, serviu sobretudo para sustentar e perpetuar os privilégios dessas elites.

Entende-se neste trabalho que a diferenciação espacial se estabelece na identidade regional, ou dito de outra maneira, que a diferenciação do espaço geográfico é a condição primeira da construção de identidades que reportam a divisões espaciais (nacionais, regionais, locais...) como base de sua constituição. Assim, cada grupo social produz o seu espaço e emprega valores de posse e pertencimento, cria sentimentos, memórias e afetividades ao lugar. Embora as relações sociais sejam essenciais na produção do espaço, a base territorial concreta torna-se condicionante na construção das representações materiais e simbólicas internalizadas pelos indivíduos, e passa a afetar, possivelmente, até nos modos de agir de tais sujeitos.

Na perspectiva da Geografia, a identidade se projeta nas relações socioculturais do espaço vivido, ou seja, corresponde ao lugar onde as pessoas estabelecem suas relações mais diretas através dos aspectos sociais, físico, econômicos, culturais, políticos, entre outros, criando assim significações e representações aos modos de vida, dando características únicas aos lugares, fazendo com que tornem diferentes entre si. Dessa maneira, cada lugar carrega a memória de um povo, e, portanto, influenciam na forma como as pessoas interagem e se apropriam desses espaços.

Contribuindo com essa discussão, apresentaremos algumas ideias de Stuart Hall (2006) sobre a identidade na concepção sociológica. O mesmo autor afirma que:

A identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o “interior” e o “exterior” – entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato de que projetamos a nós próprios” nessas identidades culturais ao mesmo tempo que internalizamos suas significações e valores, tornando-os “parte de nós”, contribui para alinhar nossos sentimentos

subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural (Hall, 2006, p. 11-12).

Considerando as ideias do autor, a concepção de identidade na perspectiva sociológica ajuda-nos a compreender como os sujeitos assumem suas identidades, tendo em vista as relações sociais que são estabelecidas sobre a base material. Para Hall (2006), a identidade não é algo biológico do ser humano, todavia, é construída historicamente através de representações individuais e coletivas, ou seja, do mundo “interior” e do mundo “exterior”, do pessoal e do público. A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (Hall, 2006).

A partir dessas afirmações, Hall (2006) destaca que cada pessoa carrega consigo várias identidades adquiridas ao longo do tempo, e estas podem ser reconstruídas a qualquer momento de sua vida, passando sempre por processos de evolução. Considerando essa afirmação, entendemos que a identidade é construída a partir das múltiplas experiências do sujeito na sociedade, mediante a diversos fatores, como tradições, sentimentos, valores, cultura, política, vivências escolares, práticas religiosas, dentre outros elementos. Desse modo, a ação do indivíduo influencia na produção das sociedades, assim como os fatores culturais presentes na sociedade podem alterar sua estrutura, determina valores e padrões de comportamentos, que por fim, acabam moldando as relações sociais.

### **2.3 Preconceito de origem geográfica**

Com base nas discussões de Albuquerque Júnior (2007), o preconceito, conforme o próprio termo sugere, consiste em um julgamento prévio acerca de algo ou de alguém, formulado antes de qualquer experiência de conhecimento ou análise crítica. Trata-se de uma concepção apressada, uma opinião ou caracterização construída sem fundamento reflexivo, que se antecipa ao verdadeiro esforço de compreender o outro em sua singularidade, diferença e alteridade.

Dessa maneira, o preconceito de origem geográfica, ou preconceito regional, ocorre quando alguém é discriminado, em relação a sua região de origem, caracterizando-a como inferior e atrasada. Uma imagem distorcida é construída, como forma de tentar representar determinada região, podendo levar em conta a sua cultura, economia, educação, entre outros fatores. Ou seja, o preconceito de origem

geográfica é a discriminação da própria identidade dos sujeitos, que se baseia no lugar de nascimento de uma pessoa, por estabelecer a ideia de uma região menos desenvolvida e menos civilizada.

O preconceito contra nordestinos/as no Brasil reforça vários estereótipos negativos sobre o Nordeste e seus/as habitantes, por este motivo tem se tornado um tema cada vez mais complexo e necessário de ser discutido. Não é um problema recente, de fato, porém, sabemos que alguns fatores são responsáveis por intensificar ainda mais o número de casos de “bairrismo” regional<sup>1</sup> em nosso país, sendo através da disseminação de informações falsas e discursos de ódios na internet, como também por questões de desigualdades sociais e econômicas, gerando assim, diversos tipos de estereótipos negativos relacionados a região Nordeste. Baseado nessa discussão, o autor Albuquerque Júnior (2017) enfatiza que, no Brasil, o preconceito por origem geográfica marca, especialmente, os nordestinos/as. Este preconceito se expressa, por exemplo, através dos estereótipos do “baiano” e do “paraíba”, denominações que são usadas genericamente em São Paulo e no Rio de Janeiro, respectivamente, para se referirem aos migrantes vindos da região Nordeste. Ao nordestino ainda estão vinculados outros tipos sociais vistos com certo desprezo, com comiseração ou com medo, como: o retirante, o flagelado, o migrante, o pau-de-arara, o arigó, entre outros. Dessa maneira, a manifestação desses preconceitos geralmente está ligada a desvalorização no mercado de trabalho, baixa escolaridade, sotaque, além de outros julgamentos.

São questões que afetam a origem de nordestinos/as espalhadas em várias regiões do Brasil, e na maioria dos casos, os conflitos sempre ocorrem através do contato com grupos sudestinos e sulistas, levando em consideração o fluxo da migração de nordestinos/as para as regiões Sul e Sudeste do país, uma vez que são os locais onde estão centralizadas as principais atividades econômicas brasileiras, e assim tornam-se espaços atrativos para os/as nordestinos/as, pela busca de melhores condições de emprego e renda. De acordo com Albuquerque Júnior (2017), a maior

---

<sup>1</sup> O “bairrismo” e “xenofobia” são dois conceitos que envolvem determinados tipos de preconceitos, criando-se uma espécie de hierarquia social, onde quem é de fora é automaticamente menos valorizado. Nesse estudo, o “bairrismo” é o conceito que mais se adequa ao tema em questão, pois refere-se ao apego excessivo de uma pessoa ao seu bairro, ou a região, muitas vezes com a visão de que essa região é superior a outras. Já a “xenofobia”, inclui o sentimento de pertença relativamente a uma nação ou grupo étnico, mais voltado ao estrangeiro.

parte destes/as migrantes vem da zona rural, a maioria não tem o mínimo domínio dos códigos que regem a vida numa grande cidade; seus hábitos, costumes, formas de se comportar, concepções, formas de pensar, de andar, de falar, estão marcadas por sua vivência no campo e por sua condição social de homens e mulheres pobres, analfabetos, submetidos a uma dura rotina de trabalho e a muitas privações, o que reforçará esta imagem, construída pelas próprias elites nordestinas, em seus discursos políticos e culturais, de que seríamos uma região presa ao passado, uma região que rejeitava, inclusive, os padrões modernos da sociedade ocidental.

Dessa forma, o Nordeste consolidou-se a partir de um regionalismo de caráter conservador, voltado essencialmente para a defesa dos interesses das elites locais. A região passou a ser representada como um espaço do atraso, resistente à modernização e encarregado de preservar tradições. Esse imaginário, produzido e reforçado pelas próprias elites, construiu a imagem de um território preso ao passado, que enxergava as transformações históricas como ameaças a suas fortunas e privilégios. Assim, o Nordeste foi pensado sobretudo a partir da valorização de uma memória seletiva de dominação vinculada às elites agrárias tradicionais. (Albuquerque, 2021).

### **3 METODOLOGIA DE PESQUISA**

#### **3.1 Definição da população e amostra**

Tomando como ponto de partida o objetivo geral da pesquisa, que é de investigar o processo da construção de estereótipos acerca da identidade nordestina, cuja pesquisa apresenta como referência espacial o município de Biritinga/BA, localizado a uma distância aproximada de 207 km da capital do Estado, Salvador, tendo como alvo os migrantes do município como amostra para coleta de dados.

#### **3.2 Metodologia**

Esta é uma pesquisa de natureza exploratória e possui a abordagem qualitativa, mais apropriada para a análise do problema em questão. Segundo as ideias de Dalfovo; Lana; Silveira (2008), a pesquisa qualitativa, por sua vez, busca descrever a complexidade de determinado problema, enfatizando a necessidade de compreender e categorizar os processos dinâmicos vivenciados pelos grupos. Além disso, contribui para o processo de transformação social, permitindo a compreensão das particularidades e especificidades de cada indivíduo.

De acordo com essa abordagem de pesquisa, a coleta dos dados primários implica certo grau de subjetividade, pois, para obter os resultados foi necessário a interpretação de comportamentos, opiniões, expectativas etc., captados por meio do procedimento de aplicação de questionário, entrevistas.

#### **3.3 Etapas da pesquisa**

Na primeira etapa, a fim de buscarmos subsídios à interpretação da questão geral que envolve a construção de estereótipos sobre o Nordeste brasileiro, procedeu-se a um levantamento bibliográfico, uma pesquisa teórica focada na investigação dos problemas que afligem a região desde a sua formação histórica e, neste sentido, traz uma pequena abordagem a fim de analisar as diferentes perspectivas do que consiste a “identidade nordestina” e porque os nordestinos/as sofrem preconceitos no SE e S. Ainda nesta etapa, na devida contextualização, é interpretada à “questão regional” brasileira e a discussão do “lugar” do Nordeste na divisão territorial do trabalho no país.

No período destinado a essa etapa da pesquisa, os textos relacionados ao tema foram explorados, fichados e resumidos, e posteriormente servirão de aparato para fundamentação da monografia.

Na segunda etapa, foi feito um levantamento de informações básicas relativas as experiências que alguns/as moradores/as do município de Biritinga/BA têm em relação à emigração para diferentes territórios e o eventual retorno às suas origens socioespaciais, com destaque ao deslocamento para localidades das regiões Sudeste e Sul do país, a exemplo de São Paulo, grande metrópole nacional, e demais cidades, que se tornam símbolo de referência para a busca de melhores condições de trabalho, renda e vida, visto que são áreas estratégicas de circulação do capital, favorecidas na oferta de bens e serviços.

É importante ressaltar que ainda nesta etapa da pesquisa, serão levantados alguns dados que revelarão experiências recentes de emigrantes biritingueses que ainda se encontram residindo em localidades das regiões Sudeste e Sul.

### **3.3.1 Divulgação e aplicação da pesquisa**

Desse modo, a pesquisa de campo abrangeu dois momentos em níveis de abordagem:

- I. O primeiro momento contou com a realização de entrevistas; a fim de captar informações a respeito do problema da pesquisa, optamos pelo tipo de entrevista semiestruturada, seguindo um roteiro de perguntas previamente estabelecidas, que, no entanto, não foi seguido rigidamente, pois houve a inserção de perguntas espontâneas, conforme o andamento de algumas entrevistas, visando permitir maior interação entre a entrevistadora e a pessoa entrevistada ao modo de um diálogo informal, a fim de conseguir maior rendimento na coleta de informações.
- II. A segunda parte do processo de levantamento de dados teve como instrumento de coleta o uso de questionário, sendo constituído por uma série de perguntas ordenadas, respondidas com ou sem a presença da entrevistadora, de forma escrita. Uma das características mais importante desse instrumento, é que ele pode ser enviado por qualquer ferramenta digital, podendo facilitar o contato com maior número de pessoas simultaneamente.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 4.1 Caracterizando o universo da pesquisa e os sujeitos

Esta pesquisa objetivou investigar e analisar os estereótipos acerca da identidade nordestina, observada a realidade dos habitantes da Região Nordeste, especialmente as experiências e relatos de migrantes com origem no município de Biritinga-BA e de alguns municípios vizinhos. Dessa forma, apresentaremos nesta seção a análise e discussão dos resultados obtidos durante a etapa de coleta de dados.

A coleta de dados iniciou-se com a realização de entrevistas individuais semiestruturadas, que foram registradas por meio de gravações de áudio com os sujeitos envolvidos no processo de investigação. As entrevistas foram realizadas tanto presencialmente, como virtualmente, através de chamadas pelo aplicativo de mensagens instantâneas - *WhatsApp*. A entrevista foi aplicada com 6 pessoas, sendo 4 do sexo feminino e 2 do sexo masculino. Para a descrição e análise dos relatos, os entrevistados (as) foram enumerados de E1 a E6, de acordo com a ordem cronológica das entrevistas.

O segundo passo foi o levantamento de dados através de Questionário distribuído pela plataforma *Google Forms* e pelo aplicativo *WhatsApp*. Como foi disponibilizado por ferramentas digitais, foi possível um maior alcance de participantes e, em decorrência, o estudo foi, geograficamente, para além de Biritinga/BA, uma vez que foi possível identificar migrantes de outros territórios. Ao todo, trinta pessoas responderam ao questionário durante o mês de junho de 2025, sendo 13 do sexo masculino e 17 do feminino, a idade variou entre 24 a 50 anos. Foi aplicado um questionário com dez questões (entre objetivas e específicas), conforme consta no apêndice 01.

### 4.2 Análise e discussão dos resultados obtidos através do questionário

Com base no mapeamento referente ao local de nascimento dos migrantes respondentes do questionário, observamos que 16 imigrantes são naturais do município de Biritinga/BA, e os demais de outros municípios, como demonstra na **tabela 1**.

**Tabela 1:** Municípios de origem dos migrantes respondentes do questionário

Municípios	Nº de migrantes
Água Fria/BA	1
Araci/BA	2
Arapiraca/AL	1
Biritinga/BA	16
Feira de Santana/BA	1
Itapicuru/BA	1
Limoeiro de Anadia/AL	1
Nova Soure/BA	2
Rafael Jambeiro/BA	1
Serrinha/BA	4

**Fonte:** Pereira, 2025.

Quanto ao local de residência, esses migrantes estão distribuídos em diferentes estados do Sul e Sudeste do país. O estado de São Paulo (SP) é onde se encontra a maior parte desses/as migrantes, com o total de 12, evidentemente, por se tratar do principal centro econômico e industrial do Brasil, e isso comprova o fato de ser o local que, ainda hoje, atrai mais imigrantes, sobretudo nordestinos/as.

Dentre os demais respondentes, nove se encontram em Minas Gerais (MG), seis em Santa Catarina (SC), e apenas um nos estados do Paraná (PR), Rio de Janeiro (RJ) e Rio Grande do Sul (RS), respectivamente, conforme é caracterizado na **tabela 2**.

**Tabela 2:** Total de migrantes nordestinos/as respondentes, por unidades federativas do Sul e Sudeste do Brasil

Unidades Federativas	Nº de migrantes
Minas Gerais (MG)	9
Paraná (PR)	1
Rio de Janeiro (RJ)	1
Rio Grande do Sul (RS)	1
Santa Catarina (SC)	6
São Paulo (SP)	12

**Fonte:** Pereira, 2025.

Com base nos dados apresentados na Tabela 631: População residente, por sexo e lugar de nascimento do IBGE, disponível no Anexo 01, conseguimos destacar o número e percentual de habitantes de origem nordestina na população de outros estados, a exemplo dos estados mencionados anteriormente na tabela 2. Analisamos que o estado de São Paulo é onde se concentram mais habitantes de origem nordestina, chegando a 5.010.208 residentes, em 2022. Fazendo um comparativo com os dados coletados nos anos de 2000 a 2022, observamos que no ano 2000 havia o total de 4.983.950 residentes de origem nordestina em São Paulo, enquanto em 2010 houve uma queda chegando a 4.628.959, mas esse número voltou a crescer nos anos seguintes até o último censo demográfico. Porém, o percentual de nordestinos em relação à população do referido estado teve ligeira redução de 13,46% (2000) para 11,28% em 2022.

Em comparação a outros estados do Sudeste do Brasil, percebemos que o estado do Rio de Janeiro também se destaca com grande número da população de residentes nordestinos/as; no ano 2000 esse valor correspondia a 1.304.549 habitantes, porém essa população vem reduzindo desde o ano de 2010, chegando a totalizar o número de 1.042.034 de residentes no ano de 2022.

De acordo com Tânia Bacelar (2000), levando em conta esse processo de desenvolvimento regional no Brasil, entendemos que, nas últimas décadas, houve uma nova divisão espacial e territorial do trabalho. Isso resultou em investimentos

significativos dos principais setores da economia nacional e, conseqüentemente, em uma reconcentração de recursos na região Sudeste, apesar dos investimentos e incentivos fiscais na indústria no Nordeste em décadas anteriores. Exemplos disso são os volumes expressivos de capital investidos pelos segmentos metalmeccânico, automobilístico e químico, setores fundamentais do parque industrial brasileiro, já amplamente concentrados nessa região.

De acordo com os dados do IBGE apresentados, se correlacionarmos o número e percentual de habitantes de origem nordestina nos estados do Sul do Brasil com os dados referentes aos estados da região Sudeste, percebemos que há uma diferença explícita, destacando os estados do Sudeste como a região que agrega uma maior população de habitantes residentes de origem nordestina.

Ao tratar do grau de escolaridade dos respondentes do questionário, 15 informaram que possuem o Ensino Médio completo e quatro disseram não ter concluído; dois informaram ter Ensino Fundamental completo e 4 não finalizaram essa etapa, enquanto cinco dos participantes ingressaram em cursos superiores, sendo que dois disseram não ter concluído. Com relação a esses dados descritos, é possível perceber que os/as migrantes apresentaram diferentes níveis de escolaridade, onde poucos participantes preferiram ou tiveram condições de ingressar em faculdades após concluírem o Ensino Médio. Essa escolha pode estar associada a várias circunstâncias individuais, como por exemplo, o desejo de alcançar independência financeira e melhorar suas condições de vida, visto que o estudo pode ser visto como um investimento a longo prazo, e para alguns, a falta de tempo livre para conciliar o trabalho e estudos acaba se tornando um obstáculo. Algumas adversidades podem ser enfrentadas por parte desses migrantes, considerando alguns fatores associados à baixa escolaridade, como dificuldades para encontrar empregos formais e bem remunerados, a falta de qualificação profissional pode deixá-los vulneráveis e contribuir para o aumento da pobreza, além de favorecer a perpetuação da desigualdade social e disseminação de preconceitos.

Como aponta Albuquerque Júnior (2017), o preconceito em relação aos/as nordestinos/as, baseado em sua origem geográfica, está ligado não apenas à maneira como a região e seus habitantes foram retratados, concebidos e definidos pelas elites nordestinas desde o início do século XX, mas também a outros tipos de preconceito.

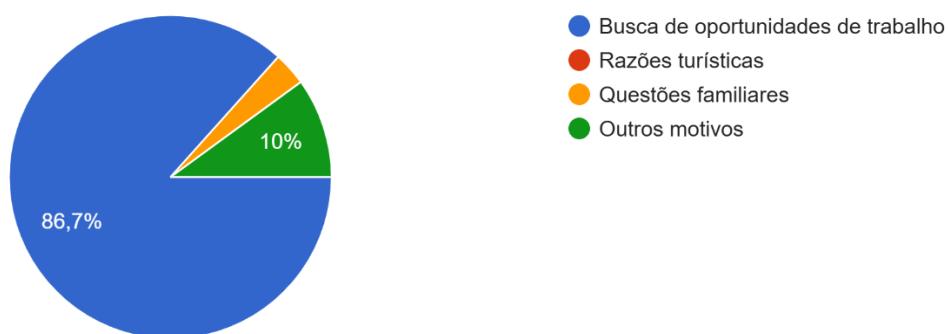
Isso inclui o preconceito de classe, que se manifesta contra pessoas pobres envolvidas em atividades menos valorizadas no mercado de trabalho, e o preconceito racial, uma vez que a maioria da população da região é mestiça ou negra. O nordestino também sofrerá preconceito em relação aos considerados menos letrados e analfabetos, uma vez que muitos dos migrantes nordestinos das décadas de 1930, 1940 e 1950 tinham um nível de escolaridade bastante baixo.

Levando em consideração os resultados que foram apresentados no questionário, 87,7% dos participantes responderam que o motivo de migrarem para as regiões Sul e Sudeste está relacionado a busca por oportunidades de trabalho. Em poucos casos o motivo da migração está associado a questões familiares ou outros motivos que não foram apresentados no questionário, conforme é representado no **gráfico 1**.

**Gráfico 1:** Motivos que levaram a migração

7. O que te motivou a mudar para esse local:

30 respostas



**Fonte:** Pereira, 2025.

Esses dados revelam que a situação do desemprego na região Nordeste, afeta não apenas a sua economia, mas também a vida social de muitos/as nordestinos/as, podendo causar problemas como pobreza e desigualdades sociais, sendo esse o principal motivo que levou esses/as nordestinos/as a migrarem para outras regiões. Assim, o autor Manuel Correia (1993, p. 18) enfatiza que:

{...} a pobreza no Nordeste deriva sobretudo da má distribuição da renda; há um forte contraste entre o nível de vida das classes dominantes e o do povo; da grande concentração da propriedade fundiária, do sistema econômico nacional que transformou a região em

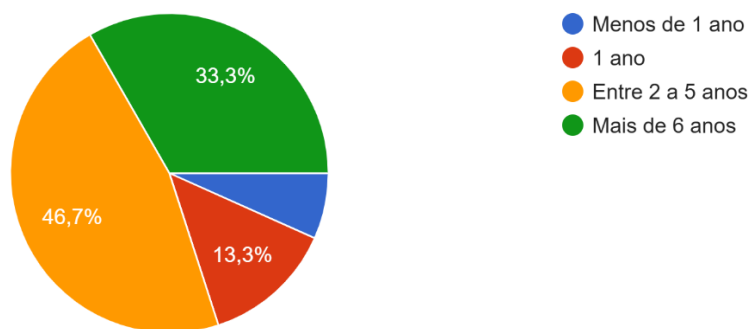
provedora de matérias-primas e de mão-de-obra pouco qualificada para as regiões economicamente mais dinâmicas, e de apropriação das riquezas regionais por grupos econômicos internacionais e de outras áreas do país.

Os dados do questionário apontam que a maioria dos participantes (46,7%) migraram para as regiões Sul e Sudeste nos últimos 5 anos, enquanto 33,3% migrou há mais de 6 anos. Somente 13,3% dos participantes informaram que residem há um ano nos estados mencionados. Essas informações podem ser observadas no **gráfico 2**.

**Gráfico 2:** Tempo de residência dos migrantes

8. Há quanto tempo está no lugar?

30 respostas



**Fonte:** Pereira, 2025.

Questionados sobre a adaptação após a chegada ao novo local de residência, a maioria dos respondentes (63,3%) informaram que tiveram dificuldades de adaptação, enquanto 36,7% relataram não ter tido dificuldades. Diante desses resultados, analisamos que as dificuldades vivenciadas pela maioria dos participantes da pesquisa, se relacionam as dificuldades de adaptação ao clima, a saudade dos familiares, como também a adaptação a uma nova cultura, envolvendo costumes, hábitos e a variação linguística presente no local.

Interrogados sobre a vivência de situações que envolvesse a manifestação de preconceitos ou discriminações ao expressar os hábitos ou particularidades (sotaque, cultura, crença religiosa) do seu local de origem, a maioria (76,7%) afirmou que já vivenciou situações semelhantes, enquanto 23,3% informaram não ter vivenciado nenhum caso. Ao serem questionados se a manifestação desses preconceitos se

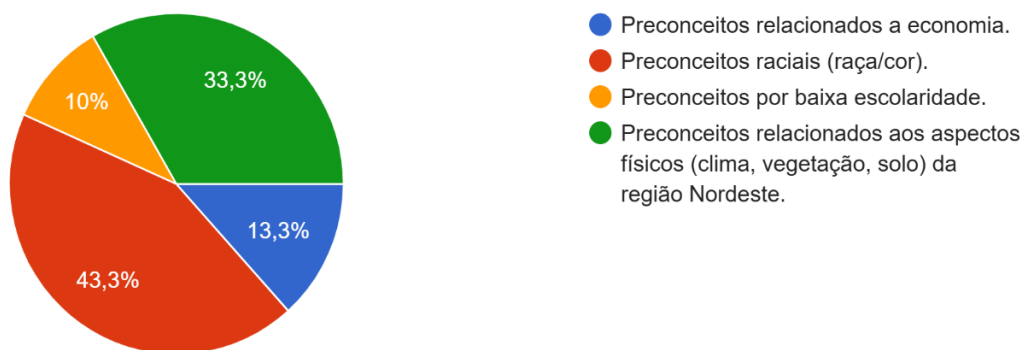
refere ao fato de pertencer a região Nordeste, houve uma concordância muito alta entre eles/as com o total de 93,3%.

Perguntados sobre os tipos de discriminações e preconceitos sofridos por eles, 43,3% dos participantes informaram que foram vítimas de preconceitos ligados a raça e cor, 33,3% afirmaram ter sofrido preconceitos relacionados aos aspectos físicos (clima, vegetação, solo) da região Nordeste, enquanto que 13,3% diz ter sofrido preconceitos relacionados a economia, e 10% relata que esses preconceitos eram referidos ao nível de escolaridade, como podem ser analisadas as informações representadas no **gráfico 3**

**Gráfico 3:** Tipos de preconceitos vivenciados pelos migrantes nordestinos

13. Se ocorreram situações semelhantes a pergunta anterior, são tipos de:

30 respostas



**Fonte:** Pereira, 2025.

Ao serem questionados sobre o ambiente em que passaram por essas situações de discriminações/preconceitos, 70% dos migrantes responderam que vivenciaram essas situações no ambiente de trabalho, 16,7% informaram que ocorreu em espaços públicos (ruas, parques, praças, etc.), e 13,3% em estabelecimentos comerciais como supermercados, shopping, lojas, cinemas, restaurantes, entre outros locais.

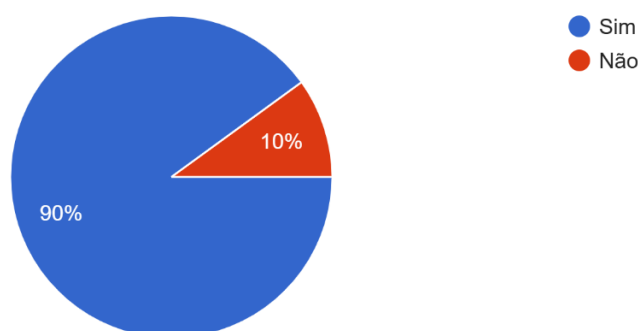
Mesmo a maioria dos/as respondentes tendo saído de seus locais de origem em busca de melhores condições vida, 76,7% dos/as participantes informaram que a mudança se fez de forma temporária, e 23,3% afirmaram que pretendem permanecer no local. Por alguma circunstância, 26 participantes afirmaram que já sentiram

vontade de voltar definitivamente ao seu lugar de origem, e quatro informaram não ter o desejo de voltar. Com base nas opiniões dos participantes, 90% consideram que suas condições de vida melhoraram após passar a residir (viver) no novo espaço, conforme os resultados são apresentados no **gráfico 4**.

**Gráfico 4:** Melhora nas condições de vida após o processo de migração

16. Você considera que suas condições de vida melhoraram após passar a residir (viver) nesse novo espaço?

30 respostas



#### 4. 3 Discussão e análise das experiências relatadas pelos migrantes nordestinos entrevistados

A análise de conteúdo de Bardin (1977) foi o método utilizado para o processo de análise das entrevistas. Segundo Bardin (1977) a categorização e codificação dos resultados na análise qualitativa, têm como objetivo principal, fornecer a organização simplificada dos dados brutos de forma condensada.

Os dados mais relevantes das entrevistas foram organizados em duas categorias: 1) Exemplos de preconceitos enfrentados pelos migrantes entrevistados; 2) Como os estereótipos afetaram a vida dos indivíduos estudados? Tais categorias contribuíram para a discussão e entendimento do contexto vivenciado pelos envolvidos, tendo atingido adequadamente aos objetivos da pesquisa. Segue o quadro 01 com a apresentação das categorias e seus respectivos temas.

**Quadro 01: Categorias e temas**

Categorias	Temas
------------	-------

1) Exemplos de preconceitos enfrentados pelos migrantes entrevistados	1) Pré-julgamentos 2) Racismo e xenofobia regional/bairrismo 3) Classismo
2) Como os estereótipos afetaram a vida dos indivíduos estudados?	4) Baixa autoestima/vergonha 5) Submissão 6) Desvalorização e opressão

#### 4.3.1 Exemplos de preconceitos enfrentados pelos migrantes entrevistados

Nesta categoria, discutiremos trechos das declarações dos entrevistados que compartilharam vivências ligadas à questão da pesquisa. Estruturamos a análise dos dados em relação aos tópicos relevantes para este estudo. Os tópicos a seguir estão destacados da seguinte forma: 1) Pré-julgamentos; 2) Racismo e xenofobia regional/bairrismo; 3) Exclusão social.

##### Tema 1: Pré-julgamentos

Com base nas experiências relatadas pelos/as migrantes, após serem questionados se em algum momento passaram por situações que envolveram manifestações de preconceitos relacionados a suas origens, as respostas foram unânimes, pois todos relataram terem passado por situações semelhantes. Salientaram que é uma experiência corriqueira, pois quase sempre os/as nordestinos/as são vistos como refugiados, como pessoas estranhas, a partir do olhar de outros grupos.

Como afirma a E1:

*{...} ontem mesmo uma cliente turista falou que aqui tem mais nordestinos do que mineiros, e parece que nós nordestinos somos refugiados {...}; {...} todo local que você chegar aqui, tipo*

*restaurante, lojas, vai ter nordestinos. No início eu até ficava sem reação quando presenciava essas situações, mas agora já me acostumei.*

Verificamos através das entrevistas que esses comportamentos negativos em relação ao tratamento com os/as nordestinos/as, na maioria das vezes, são praticados por pessoas que ocupam uma posição social superior, sendo que foi no ambiente de trabalho onde mais vivenciaram essas experiências. De acordo com Albuquerque Júnior (2017), os/as migrantes nordestinos/as das camadas populares, frequentemente vistos/as como inferiores e subordinados/as no trabalho e nas relações sociais nas grandes cidades, inclusive na própria região, recorre muitas vezes, ao mito do cabra-macho para lidar com essa subordinação ou enfrentar situações de humilhação. Isso resulta em muitos atos de violência que desvalorizam a imagem do nordestino no Sul do país e do sertanejo nas grandes cidades do Nordeste.

Ao ser questionado sobre as manifestações de preconceito vivenciadas no ambiente de trabalho, um dos entrevistados (E1) revelou:

*{...} geralmente isso parte de pessoas que vem da patente. Já ocorreu situações em que eu sofri assédio, de estar em uma empresa por exemplo, e o chefe chegar e me perguntar se realmente eu não ia sair com ele, que se eu não sáísse eu iria ser mandada embora, isso aconteceu comigo algumas vezes.*

Com isso, observamos como a subordinação trabalhista pode afetar negativamente a vida dos/as migrantes nordestinos/as, de chegar ao ponto de serem negligenciados/as e desrespeitados/as, onde os/as empregados/as se sujeitam a ordens e decisões do/a empregador/a, como por exemplo a E3 argumentou que “{...} quando se trata do Nordeste, tipo, todo mundo acha que o nordestino é preguiçoso {...}”, na maioria dos casos o nordestino é tratado pelos sulistas e sudestinos como cidadãos inferiores.

A E3 também relatou:

*{...} eu cheguei numa empresa recentemente, e falei o seguinte, vou trazer alguns currículos de alguns baianos para colocar aqui, daí o chefe falou assim, “ah baiano só quer trabalhar seis meses para pegar o seguro-desemprego e ir embora, eu mesmo não faço questão de baiano aqui nessa fábrica”, foi desse jeito, então essas coisas machuca mesmo, até em hospitais a gente sofre preconceitos {...}.*

Em *A Invenção do Nordeste e outras Artes*, Durval Muniz de Albuquerque Jr (2011, p. 348) apresenta que o “Nordeste” trata-se de um conceito do qual temos conhecimento sobre sua criação, desenvolvimento e a quem beneficiou. Assim, aponta que:

O que afirmamos é que o Nordeste quase sempre não é o Nordeste tal como ele é, mas é o Nordeste tal como foi nordestinizado. Ele é uma maquinaria de produção, mas, principalmente, de repetição de textos e imagens. Não se pode ligar esta reprodução de imagens e textos apenas à classe dominante. Não existe nela uma simples lógica de classes; estas imagens e textos alcançaram tal nível de consenso e foram agenciadas pelos mais diferentes grupos, que se tornaram “verdades regionais”.

Para Albuquerque Jr (2011), não há um jeito específico de ser nordestino ou um estilo único de ser brasileiro, a não ser que se tome uma identidade negativa, a coexistência de diferentes modos de ser, de diferentes estilos de viver, a enorme fissura entre as classes, as diferenças culturais acentuadas, até dentro das mesmas classes. Seriam sociedades identificadas pela pluralidade de formas de fazer as coisas.

## **Tema 2: Racismo e Xenofobia regional/bairrismo**

Diante das falas dos entrevistados, fica evidente a ocorrência de casos de xenofobia e racismo contra dos nordestinos no ambiente de trabalho, como explicou a E2: *{...} eu trabalhava numa lojinha de celular e vendia também capinhas de celular, e aí tinha uma capinha que ficou famosa que era bem colorida, e um dia um cliente falou assim “ah não quero isso aí não porque parece coisa de baiano {...}*, e em outra situação ela também destacou:

*{...} a minha prima também trabalhava na loja que eu trabalho hoje, e ela é branca dos olhos verdes, e um dia uma cliente perguntou a terra natal dela, a minha prima respondeu que ela era nordestina e que era baiana, e aí a cliente disse assim: “nossa você é baiana? Você não é baiana de jeito nenhum, porque você é branca”, como que queria dizer que na Bahia só tem gente negro {...}*.

Seguido pela exposição desses casos, analisamos como os preconceitos e estereótipos atuam na visão sobre os nordestinos, onde fica evidente a estigmatização, a xenofobia e o racismo contra o povo nordestino.

## **Tema 3: Exclusão social**

Em outro relato, um entrevistado abordou casos de discriminação no ambiente de trabalho associados à baixa escolaridade, onde foi possível observar problemas relacionados a desigualdade e classismo. Sobre isso, o E4 fala: “{...} já sofri discriminações pelo meu sotaque, por ter baixo nível de estudo, por ser negro e baiano, isso tudo causou dificuldades para mim poder conseguir emprego, a gente vai pensando que é uma coisa, e chega lá é outra.”

É importante ressaltar que a baixa escolaridade nem sempre será um fator que pode levar à exclusão social dos/as nordestinos/as, pois a falta de conhecimentos a cerca dessa região pode acabar geando situações parecidas com que a autora Cavalcanti (1993, p. 27) apresenta:

{...} quando uma pernambucana, eleita em primeiro lugar, por toda a comunidade, na lista para diretor de um centro paulista, foi preterida pelo segundo nome por ser, ao que se comenta, "pernambucana", ou seja, nordestina. O absurdo dessa postura torna-se ainda mais revoltante quando se constata que a pernambucana em causa tem doutorado e é uma cientista respeitada em sua área profissional.

#### **4.3.2 Como os estereótipos afetaram a vida dos indivíduos estudados?**

Nesta categoria, buscamos apresentar como os estereótipos afetaram a vida dos/as migrantes nordestinos/as específicos desta pesquisa. Estruturamos o debate com base nos seguintes tópicos: 4) Baixa autoestima/vergonha; 5) Submissão; 6) Desvalorização.

##### **Tema 4: Baixa autoestima/vergonha**

Analisamos que a manifestação desses estereótipos contra os/as migrantes nordestinos/as trouxe diversas implicações na vida dessas pessoas, incluído problemas como, baixa autoestima, perpetuação da desigualdade e opressão, servindo de base para atitudes preconceituosas. Questionada sobre os desafios encontrados após a migração para o estado de São Paulo, a E3 respondeu:

{...} infelizmente a gente vem porque precisa, mas, enfrentar o preconceito, bullying, preconceito racial, por causa da cor, por causa do cabelo crespo, e por ser nordestino, é muito difícil, porque eles aqui acham que somos inferiores, e pensam que a gente não vai poder sair porque vamos depender do emprego, mesmo passando por todas essas situações. Então tudo isso são preconceitos, e a gente sofre tudo isso.

Como afirma (Cavalcanti, 1993, p. 26), “parece que vivemos no Brasil também uma crise de identidade. O nordestino que chega a São Paulo e é genericamente chamado de “baiano” percebe que sua integração aos parâmetros do perfil paulista é dolorosa e esbarra em inúmeros preconceitos, afetando tantos os sujeitos que são alvo de discriminação quanto a estrutura social como todo”.

### **Tema 5: Submissão**

Questionados se já sentiram vontade de voltar definitivamente para o seu local de origem, o E5 relatou: *“Tem várias coisas que desagradam a gente aqui que faz a gente se desgostar e querer ir embora, mas aí você tem que pensar nas suas próprias necessidades e expectativas.”* Desse modo, observamos que a dependência econômica deixa os/as migrantes nordestinos/as vulneráveis a diversos problemas, submetidos a vontade de outros sem se opor. Também expôs o E5:

*Já sofri preconceitos por causa da minha cabeça chata, do meu sotaque, da minha cultura, entre outras coisas. É comum chegar aqui em Santa Catarina e sofrer preconceitos, mas, isso não me atinge, você tem que pensar que vai chegar aqui e vai se dar bem, independente da situação, vai acontecer, é bem provável que aconteça, a vida vai ter sempre coisas, boas e ruins.*

Conforme Albuquerque Jr (2017), assumir a nordestinidade é, em certo sentido, aceitar as múltiplas representações excludentes atribuídas a este território e a seu povo. É reproduzir um discurso marcado pela submissão, ocupando o lugar que se espera de nossa voz e de nosso olhar: uma voz destinada a solicitar, suplicar ou denunciar, e um olhar voltado a comover aqueles a quem se dirige.

### **Tema 6: Desvalorização**

Diante das narrativas apresentadas, compreendemos que a desvalorização de nordestinos/as nas regiões Sul e Sudeste do Brasil é um problema complexo, manifestado de diversas formas, desde a discriminação no ambiente de trabalho até a desigualdade social e cultural, no que caracteriza o fenômeno da exclusão.

Foi possível captar algumas falas em que foram expressos sentimentos de desgosto e tristeza em relação ao local de origem, ao qual relatou a E1: *“{...} são muitos preconceitos, e quando você sai de sua cidade, do seu aconchego, e você vai*

*viajar para outro lugar, que aí você percebe o tanto de preconceitos que as pessoas têm, e você sente que o NE é a pior coisa do mundo.”*

Assim de acordo com a visão de Albuquerque Júnior (2017), para entendermos os grandes conflitos e divisões que afetaram povos e nações ao redor do mundo, é preciso olhar para o passado. Isso, porém, não significa ignorar nossas responsabilidades presentes. Precisamos atuar no presente para questionar preconceitos e contribuir para seu desaparecimento. A história nos ensina que tudo o que fazemos, dizemos, somos e pensamentos foi criado e inventado pelos próprios seres humanos. Portanto, se isso é verdade, também pode ser destruído, abandonado, "desinventado" pelos próprios indivíduos.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve o objetivo geral de compreender o processo da construção de estereótipos sobre o Nordeste brasileiro, destacando a problemática da discriminação de nordestinos/as que migraram para as regiões Sul e Sudeste do país e foram alvos de preconceitos ligados à sua identidade. Com base nos resultados encontrados no desenvolvimento da pesquisa, pode-se indicar que o objetivo proposto foi alcançado.

A atual pesquisa foi conduzida por meio de um estudo de caso, que envolveu a realização de seis entrevistas semiestruturadas e a aplicação de um questionário a 30 participantes, considerando que todos eram nordestinos com experiências de vida nas regiões Sul e Sudeste do Brasil.

Um dos principais resultados obtidos foi que a principal razão da migração dessas pessoas se justifica pela busca por oportunidades de emprego a fim de melhorar suas condições de vida. No tocante a investigação sobre as vivências de preconceitos relacionados a origem geográfica desses indivíduos, a maioria afirmou que já vivenciou situações semelhantes. Verificou-se que os tipos de preconceitos mais enfrentados incluem discriminações baseadas nas características físicas (raça ou etnia), preconceitos linguísticos, marginalização por baixa escolaridade e preconceitos relacionados aos aspectos físicos da região de origem (Nordeste).

No que tange ao ambiente em que ocorreram essas manifestações de discriminações/preconceitos, 70% dos migrantes relataram que vivenciaram essas situações no ambiente de trabalho, sendo que os demais informaram que as ocorrências se deram em outros espaços, como em parques, praças, estabelecimentos comerciais, shopping, lojas, entre outros. Diante do exposto, analisamos que a manifestação desses estereótipos contra migrantes nordestinos/as gerou diversas consequências na vida dessas pessoas, incluindo questões de racismo, exclusão social, submissão trabalhista, baixa autoestima e desvalorização, o que resultou na hostilidade desses/as habitantes nordestinos nas regiões do Sul e Sudeste do Brasil.

Por outro lado, apesar de enfrentarem grandes dificuldades de adaptação ao novo local de moradia, a maioria dos/as participantes relataram que suas condições de vida melhoraram após o processo de migração. Contudo, destacaram que a

mudança se fez de forma temporária, visto que em alguns momentos já sentiram vontade de voltar definitivamente ao seu lugar de origem.

Com base nas discussões teóricas apresentadas, pudemos analisar os principais eventos históricos que caracterizaram o Nordeste, visto que são essenciais para a compreensão dos estereótipos acerca da identidade nordestina. Portanto, essa abordagem serviu como base para validar as questões práticas da pesquisa, considerada a vivência dos moradores da Região Nordeste, em particular as experiências e depoimentos de migrantes provenientes do município de Biritinga-BA e de alguns municípios adjacentes.

Com base nas discussões teóricas apresentadas, compreendemos que a região Nordeste do Brasil foi construída historicamente a partir de diferentes processos, os quais contribuíram para a ocorrência de diversos fatores presentes na atualidade. Portanto, essa abordagem serviu como base para validar as questões práticas da pesquisa, pois diante dos resultados coletados foi possível realizar uma análise crítica acerca dos processos de construção dos estereótipos preconcebidos sobre o Nordeste.

No que se refere às suas possíveis contribuições, esperamos que esta pesquisa incentive novas perspectivas e a busca por estratégias para combater preconceitos, discriminação e exclusão social contra os/as nordestinos/as. Além disso, é fundamental ressaltar a importância de desenvolver políticas públicas que promovam a inclusão e a valorização da diversidade cultural dos/as migrantes nordestinos/as, visto que esses indivíduos buscam, nas regiões Sul e Sudeste do Brasil, alternativas para melhorar sua qualidade de vida e encontrar oportunidades de trabalho. Também é essencial contribuir para a desconstrução dos estereótipos negativos associados ao Nordeste, que foram historicamente perpetuados sobre a região.

Quanto as limitações da pesquisa, destaca-se que não foi viável restringir o estudo de casos com base no propósito que a pesquisa pretendia alcançar, tendo em vista que a disponibilização do questionário por meio de ferramentas digitais possibilitou um maior alcance de participantes, o que se revelou positivo ao fim do trabalho. Portanto, geograficamente, a pesquisa ultrapassou o âmbito dos/as migrantes do município de Biritinga/BA, pois foi possível identificar migrantes de outros territórios cujas particularidades socioespaciais são essencialmente

semelhantes. Outra limitação constatada, foi a pequena quantidade de entrevistas, gostaríamos que o estudo abrangesse mais entrevistados, porém como as entrevistas demandam mais tempo na execução, tivemos muita dificuldade em encontrar participantes com tempo livre e que se dispusessem a participar das entrevistas.

Posto isso, em relação as futuras investigações, recomenda-se que desenvolvam estudos de casos que incluam todos os estados da região Nordeste, a fim de obter resultados mais abrangentes. Sugere-se, portanto, que sejam utilizadas amostras maiores a partir das experiências de habitantes de origem nordestina nos estados do Sul e Sudeste do Brasil.

## 6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Manuel Correia de. **O Nordeste e a questão regional**. Editora Aliça S. A, - Rua Barão de Iguapé, End. Telegráfico “Bom livro” – São Paulo, 1993.

BACELAR DE ARAUJO, Tânia. **Ensaio sobre o desenvolvimento brasileiro: Heranças e Urgências**. Rio de Janeiro: Revan/Fase, 2000.

BARDIN, Laurence. *L'Analyse de contenu*. Editora: **Presses Universitaires de France**, 1977. Análise de conteúdo. SP: Edições 70, 2011.

BITTENCOURT, Renato Nunes. Stuart Hall e os signos da identidade cultural na pós-modernidade. **Revista espaço e cultura**, São Paulo, n. 154, p. 129-60, mar. 2014.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

CASTRO, Iná Elias de. **O mito da necessidade**: discurso e prática do regionalismo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

CAVALCANTI, Clóvis. **País e região: desigualdades e preconceitos regionais no Brasil**. Cad. Est. Soe-, Recife, v9, n.1, p 25-40, jan./jun, 1993.

CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural**. Trad. Luiz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1999.

DALFOVO, M. S.; Lana, R. A.; Silveira, A. Métodos quantitativos e qualitativos: um resgate teórico. *Revista Interdisciplinar Científica Aplicada*, Blumenau, 2 (4): p.01-13 (2008).

DURKHEIM, Émile. **Da divisão do trabalho social**. Tradução de Eduardo Brandão. 2. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: GASKELL, Martim; BAWER, Martim W (org.). **Pesquisa qualitativa com texto**: imagem e som: um modelo prático. Rio de Janeiro: vozes, 2002. p. 64-89.

HAESBAERT, Rogério. **Regional-global: dilemas da região e da regionalização na geografia contemporânea**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. Ed. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

<https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2023/02/24/vinicolos-do-rs-que-usavam-mao-de-obra-analoga-a-escravidao-podem-ser-responsabilizadas-diz-mte.ghtml> acessado em 01 de julho de 2025.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Atlas das representações literárias de regiões brasileiras**. V. 2. Rio de Janeiro: IBGE, 2009.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. IBGE | Cidades@ | Bahia | Biritinga | Panorama. Cidades.ibge.gov.br. acessado em 22 de dezembro de 2023.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. [Tabela 631: População residente, por sexo e lugar de nascimento](https://sidra.ibge.gov.br/Tabela/631#resultado) adaptado e formatado de: <https://sidra.ibge.gov.br/Tabela/631#resultado>.

JÚNIOR, Durval Muniz de A. **A invenção do nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez Editora, 2021. *E-book*. pág.51. ISBN 9786555551464. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9786555551464/>. Acesso em: 19 jul. 2025.

JÚNIOR, Durval Muniz de A. **Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discórdia. v.3. (Coleção preconceitos)**. São Paulo: Cortez Editora, 2017. *E-book*. p.capa. ISBN 9788524926051. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788524926051/>. Acesso em: 19 jul. 2025.

LEDA, Renato Leone M. **Regionalismo e territorialidade na Chapada Diamantina: uma leitura geográfica do coronelismo**. Con(s) ciência, Vitória da Conquista, n. 4, p. 67-92, Set, 1993.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 6. Ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

VESENTINI, José William. **O conceito de região em três registros. Exemplificando com o Nordeste brasileiro**. Confins [online], 14 | 2012, posto online em 20 março 2012, consultado o 21 setembro 2012. URL: <http://confins.revues.org/7377>; DOI: 10.4000/confins.7377. Acesso em 20 de junho de 2025.

## 7 APÊNDICES E ANEXOS

### APÊNDICE – 01: Roteiro de perguntas para a entrevista

1. Me informe seu nome completo, por favor?
2. Onde você nasceu?
3. Quais foram os locais (cidade/município) onde você morou?
4. O que você sabia sobre a cidade/estado de destino?
5. O que motivou a mudança para outra cidade/região?
6. Por quanto tempo residiu fora do seu local de origem?
7. Houve dificuldades de adaptação ao novo lugar? Se houve, pode me falar sobre?
8. Você tinha algum parente ou amigo que já morava lá que lhe ajudaram no seu processo de adaptação, ou estabeleceu-se sozinho?
9. Qual/quais foi/foram as atividades (trabalho/emprego) que você se dedicou nos lugares onde viveu, fora de sua terra natal?
10. Foi vítima de alguma discriminação ou preconceito quando viveu em outros lugares? Em que situações isso ocorreu?
11. Em algum momento, alguém utilizou frases ou termos para se referir a sua região de origem (Nordeste) e você sentiu que houve uma manifestação de preconceito por parte do discurso daquela (e) pessoa/grupo? Se houve, pode detalhar sobre essa situação? Como você se sentiu?
12. Se voltou definitivamente ao seu local de origem, por que voltou?

**APÊNDICE - 02: Roteiro do formulário**

1. Nome:

2. Idade:

3. Escolaridade:

4. Cidade em que você nasceu:

5. Informe o local em que reside atualmente:

6. Sua mudança de local de residência ocorreu de forma:

( ) temporária ( ) permanente

7. O que te motivou a mudar para esse local:

( ) Busca de oportunidades de trabalho

( ) Motivos de saúde

( ) Questões familiares

( ) Outros motivos

8. Há quanto tempo reside no lugar?

( ) menos de 1 ano

( ) 1 ano

( ) entre 2 a 5 anos

( ) mais de 6 anos

9. Houve dificuldades de adaptação ao novo lugar?

( ) Sim

( ) Não

10. Em algum momento foi vítima de discriminação ou preconceito ao expressar os hábitos do seu local de origem, como por exemplo ao sotaque, cultura, crença religiosa, ou a outro fator semelhante?

( ) Sim

( ) Não

11. As atitudes preconceituosas partiram de pessoas que ocupam a posição/classe social mais alta que a sua?

Sim

Não

12. Em algum momento, alguém utilizou frases ou termos para se referir a sua região de origem (Nordeste) e você sentiu que houve uma manifestação de preconceito por parte do discurso daquela (e) pessoa/grupo?

Sim

Não

13. Se ocorreram situações semelhantes a pergunta anterior, são tipos de:

preconceitos relacionados a economia.

preconceitos raciais (raça/cor).

preconceitos por baixa escolaridade.

preconceitos relacionados aos aspectos físicos (clima, vegetação, solo) da região Nordeste.

não houve situações semelhantes.

14. Em qual ambiente você passou por essas situações de discriminações/preconceitos?

No ambiente de trabalho.

Escola/faculdade.

Em espaços públicos (ruas, parques, praças etc.)

Em estabelecimentos comerciais (supermercados, shopping, lojas de rua, cinemas, restaurantes etc.)

15. Já sentiu vontade de voltar definitivamente ao seu local de origem?

Sim

Não

16. Você considera que suas condições de vida melhoraram após passar a residir (viver) nesse novo espaço?

sim

Não

**ANEXO – 01:** Tabela 631 – População residente, por sexo e lugar de nascimento

<b>Tabela 631 - População residente, por sexo e lugar de nascimento</b>						
<b>Lugar de nascimento - Região Nordeste</b>						
<b>Sexo - Total</b>						
<b>Unidade da Federação</b>	<b>#</b>	<b>Variável</b>	<b>Ano</b>			
			<b>1991</b>	<b>2000</b>	<b>2010</b>	<b>2022</b>
<b>Rondônia</b>	<b>1</b>	<b>População residente (Pessoas)</b>	...	125.444	122.335	92.642
	<b>2</b>	<b>População residente - percentual do total geral</b>	...	9,08	7,83	5,86
<b>Acre</b>	<b>1</b>	<b>População residente (Pessoas)</b>	...	13.644	12.958	9.975
	<b>2</b>	<b>População residente - percentual do total geral</b>	...	2,45	1,77	1,20
<b>Amazonas</b>	<b>1</b>	<b>População residente (Pessoas)</b>	...	88.239	87.846	79.516
	<b>2</b>	<b>População residente - percentual do total geral</b>	...	3,13	2,52	2,02
<b>Roraima</b>	<b>1</b>	<b>População residente (Pessoas)</b>	...	87.126	91.029	85.831
	<b>2</b>	<b>População residente - percentual do total geral</b>	...	26,86	20,21	13,48
<b>Pará</b>	<b>1</b>	<b>População residente (Pessoas)</b>	...	693.321	724.901	672.169
	<b>2</b>	<b>População residente - percentual do total geral</b>	...	11,19	9,56	8,28
<b>Amapá</b>	<b>1</b>	<b>População residente (Pessoas)</b>	...	30.857	38.854	30.901
	<b>2</b>	<b>População residente - percentual do total geral</b>	...	6,47	5,80	4,21

**Fonte: IBGE - Censo Demográfico**

<b>Tabela 631 - População residente, por sexo e lugar de nascimento</b>						
<b>Lugar de nascimento - Região Nordeste</b>						
<b>Sexo - Total</b>						
<b>Unidade da Federação</b>	<b>#</b>	<b>Variável</b>	<b>Ano</b>			
			<b>1991</b>	<b>2000</b>	<b>2010</b>	<b>2022</b>
<b>Tocantins</b>	<b>1</b>	<b>População residente (Pessoas)</b>	...	213.006	228.941	216.133
	<b>2</b>	<b>População residente - percentual do total geral</b>	...	18,40	16,55	14,30
<b>Minas Gerais</b>	<b>1</b>	<b>População residente (Pessoas)</b>	...	325.061	384.669	523.864
	<b>2</b>	<b>População residente - percentual do total geral</b>	...	1,82	1,96	2,55
<b>Espírito Santo</b>	<b>1</b>	<b>População residente (Pessoas)</b>	...	155.939	197.558	216.533
	<b>2</b>	<b>População residente - percentual do total geral</b>	...	5,03	5,62	5,65
<b>Rio de Janeiro</b>	<b>1</b>	<b>População residente (Pessoas)</b>	...	1.304.549	1.149.692	1.042.034
	<b>2</b>	<b>População residente - percentual do total geral</b>	...	9,06	7,19	6,49
<b>São Paulo</b>	<b>1</b>	<b>População residente (Pessoas)</b>	...	4.983.950	4.628.959	5.010.208
	<b>2</b>	<b>População residente - percentual do total geral</b>	...	13,46	11,22	11,28
<b>Paraná</b>	<b>1</b>	<b>População residente (Pessoas)</b>	...	212.384	200.074	243.039
	<b>2</b>	<b>População residente - percentual do total geral</b>	...	2,22	1,92	2,12

Fonte: IBGE - Censo Demográfico

<b>Tabela 631 - População residente, por sexo e lugar de nascimento</b>						
<b>Lugar de nascimento - Região Nordeste</b>						
<b>Sexo - Total</b>						
<b>Unidade da Federação</b>	<b>#</b>	<b>Variável</b>	<b>Ano</b>			
			<b>1991</b>	<b>2000</b>	<b>2010</b>	<b>2022</b>
<b>Santa Catarina</b>	<b>1</b>	<b>População residente (Pessoas)</b>	...	25.615	59.273	216.309
	<b>2</b>	<b>População residente - percentual do total geral</b>	...	0,48	0,95	2,84
<b>Rio Grande do Sul</b>	<b>1</b>	<b>População residente (Pessoas)</b>	...	24.290	30.634	62.782
	<b>2</b>	<b>População residente - percentual do total geral</b>	...	0,24	0,29	0,58
<b>Mato Grosso do Sul</b>	<b>1</b>	<b>População residente (Pessoas)</b>	...	108.797	108.556	119.674
	<b>2</b>	<b>População residente - percentual do total geral</b>	...	5,24	4,43	4,34
<b>Mato Grosso</b>	<b>1</b>	<b>População residente (Pessoas)</b>	...	168.575	204.422	302.358
	<b>2</b>	<b>População residente - percentual do total geral</b>	...	6,73	6,74	8,26
<b>Goiás</b>	<b>1</b>	<b>População residente (Pessoas)</b>	...	542.094	676.064	857.410
	<b>2</b>	<b>População residente - percentual do total geral</b>	...	10,83	11,26	12,15
<b>Distrito Federal</b>	<b>1</b>	<b>População residente (Pessoas)</b>	...	572.066	602.104	585.921
	<b>2</b>	<b>População residente - percentual do total geral</b>	...	27,89	23,43	20,80

**Fonte: IBGE - Censo Demográfico**

<b>Notas</b>
1 - Para 1991 e 2010 - Dados da Amostra.
2 - Para 2000 - Primeiros resultados da Amostra.
3 - Os dados do Censo 2022 são resultados preliminares da amostra estimados a partir de áreas de ponderação preliminares.

**ANEXO – 02: Termo de Consentimento Livre Esclarecido**

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO CAMPUS XI  
COLEGIADO DE GEOGRAFIA**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO  
ESTA PESQUISA SEGUIRÁ OS CRITÉRIOS DA ÉTICA EM PESQUISA COM  
SERES HUMANOS CONFORME RESOLUÇÃO Nº 466/12 DO CONSELHO  
NACIONAL DE SAÚDE.**

**I – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO**

Nome do Participante: .....

Documento de Identidade: ..... Sexo: F ( ) M ( )

Data de Nascimento: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

Endereço: ..... Complemento: .....

Bairro: ..... Cidade: ..... CEP: .....

Telefone: ( ) ..... ( ) .....

**II - DADOS SOBRE A PESQUISA CIENTÍFICA:**

1. **TÍTULO DO PROTOCOLO DE PESQUISA:** Estereótipos Acerca da Identidade Nordestina: Os Migrantes de Biritinga/BA.
2. **PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL:** Renato Leone Miranda Léda
3. **Cargo/Função:** Orientador

**III - EXPLICAÇÕES DO PESQUISADOR AO PARTICIPANTE SOBRE A PESQUISA:**

O (a) senhor (a) está sendo convidado (a) para participar da pesquisa: **Estereótipos Acerca da Identidade Nordestina: Os Migrantes de Biritinga/BA**, de responsabilidade da pesquisadora **Reiziane de Jesus Pereira**, discente da Universidade do Estado da Bahia que tem como objetivo: Analisar o processo da

construção de estereótipos sobre o Nordeste brasileiro, destacando a problemática da discriminação de nordestinos que migraram para as regiões Sul e Sudeste do país e foram alvos de preconceitos ligados à sua identidade. A realização desta pesquisa poderá trazer benefícios no aumento de conhecimentos relacionados ao processo histórico de construção dos estereótipos acerca da identidade nordestina, sendo imprescindível a investigação e análise de experiências vivenciadas por migrantes nordestinos. Caso o(a) senhor(a) aceite, será adotado alguns procedimentos para coleta de dados, que ocorrerá através de questionário, e em alguns casos o uso de entrevista, onde será mediado e avaliado pela aluna Reiziane de Jesus Pereira do curso de graduação em Licenciatura em Geografia.

Sua participação é voluntária e não haverá nenhum gasto ou remuneração resultante dela. Garantimos que sua identidade será tratada com sigilo e, portanto, o Sr(a) não será identificado. Caso queira o(a) senhor(a) poderá, a qualquer momento, desistir de participar e retirar sua autorização. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a instituição. Quaisquer dúvidas que o (a) senhor(a) apresentar serão esclarecidas pela pesquisadora e o Sr. caso queira poderá entrar em contato também com o Comitê de ética da Universidade do Estado da Bahia. Esclareço ainda que de acordo com as leis brasileira o Sr. (a) tem direito a indenização caso seja prejudicado por esta pesquisa.

O (a) senhor (a) receberá uma cópia deste termo onde consta o contato dos pesquisadores, que poderão tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

#### **V. INFORMAÇÕES DE NOMES ENDEREÇOS E TELEFONES DOS RESPONSÁVEIS PELO ACOMPANHAMENTO DA PESQUISA PARA CONTATO EM CASO DE DÚVIDAS.**

**PESQUISADOR RESPONSÁVEL:** Renato Miranda Léda

**ENDEREÇO:** ..... **TELEFONE:** .....

**EMAIL:** [rleone@uneb.br](mailto:rleone@uneb.br)

**Comitê de Ética em Pesquisa- CEP/UNEB** Avenida Engenheiro Oscar Pontes s/n, antigo prédio da Petrobras 2º andar, sala 23, Água de Meninos, Salvador- BA. CEP: 40460-

120. Tel.: (71) 3312-3420, (71) 3312-5057, (71) 3312-3393 ramal 250, e-mail: [cepuneb@uneb.br](mailto:cepuneb@uneb.br)

**Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP- End:** SRTV 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar – Asa Norte CEP: 70719-040, Brasília-DF

## V. CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO

Após ter sido devidamente esclarecido pelo pesquisador(a) sobre os objetivos benéficos da pesquisa e riscos de minha participação na pesquisa Estereótipos Acerca da Identidade Nordestina: Os Migrantes de Biritinga/Ba, e ter entendido o que me foi explicado, concordo em participar sob livre e espontânea vontade, como voluntário consinto que os resultados obtidos sejam apresentados e publicados em eventos e artigos científicos desde que a minha identificação não seja realizada e assinarei este documento em duas vias sendo uma destinada ao pesquisador e outra a mim.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_

Assinatura do participante da pesquisa



\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

Assinatura do pesquisador discente  
(orientando)

Assinatura do professor responsável  
(orientador)